



“Ouça a Voz das Juventudes!”: irreverência coletiva em podcasts
“Listen to the Voice of Youth!”: collective irreverence in podcasts

MORELATO, Rodrigo¹; SALLES, Luciana²; MANESCHY, Diogo Majerowicz³
CARVALHO, Igor S.H.⁴

¹ PPGCOM-UERJ, rodrigomorelato@gmail.com ; ²UFRRJ, luciana.ufrj253@gmail.com; ³Campus Fiocruz Mata Atlântica/Observatório de Educação Ambiental de Base Comunitária, diogommaneschy@gmail.com ; ⁴UFRRJ, igorshc@ufrj.br.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: Esta pesquisa-participante versa sobre a necessidade de se dizer e ouvir a palavra, sobre a comunicação dialógica e a apropriação de meios de comunicação por parte da Juventude Agroecológica da Rede Carioca de Agricultura Urbana (REDE CAU) através de *podcasts* feitos em diferentes locais da cidade do Rio de Janeiro. Prática de comunicação participativa, essas narrativas agroecológicas pretendem tecer o comum de uma rede dispersa pela segunda maior cidade do país, dar voz a seus atores sociais e produzir conteúdos gratuitos para rádios comunitárias de todo o território nacional ao dar visibilidade à agricultura que existe na cidade.

Palavras-chave: comunicação popular; mediação; agricultura urbana.

Introdução

Em novembro de 2009 aconteceu, na cidade do Rio de Janeiro, o III Encontro de Experiências de Agricultura e Saúde na Cidade (III EEASC), uma das atividades preparatórias para o II Encontro Estadual de Agroecologia daquele estado, o qual aconteceria no ano seguinte. Neste Encontro se reuniram, no Sítio da Galícia, no bairro de Campo Grande, franjas do Maciço do Mendanha – componente tanto de um antigo Sertão Carioca, quanto da posterior e destituída Zona Rural do extinto Estado da Guanabara, atualmente Zona Oeste da cidade do Rio – uma série de atores sociais, agremiados ou não em diversas entidades; todos dispersos pelas terras da municipalidade, embora unidos por um propósito: a agroecologia.

Entre técnicos e guardiões de saberes ancestrais, agricultores e consumidores, militantes e pesquisadores, entusiastas e inauditos, permeavam esses eixos alguns jovens de diversas partes da cidade. O encontro, que contou com quatro linhas temáticas – manejo agroecológico de quintais, alimentação saudável, plantas medicinais e remédios caseiros, socioeconomia solidária –, tinha de antemão uma proposta um tanto ambiciosa, a de “(...) construção de uma rede que poderá dar mais visibilidade e dinamismo às experiências e convergir propostas de fortalecimento desse campo”, como se lê numa matéria já antiga postada no site da ONG AS-PTA.

Com o sucesso das atividades desenvolvidas nesse III EEASC, tomou forma a Rede Carioca de Agricultura Urbana (REDE CAU) que completará, em 2023, catorze (14) anos de existência, lutas, intercâmbios, resistências, conquistas, dificuldades e, sobretudo, intensas celebrações da vida e da agroecologia na segunda maior



cidade do país. Dentre os Grupos de Trabalho da REDE CAU, temos o GT Juventudes.

Como é de conhecimento geral, a categoria “juventude” é polissêmica, pois além de uma moratória social que se lhe atribui, a filigrana do debate que a constitui passa pela produção, difusão e consumo de novos estilos de vida; afora esperanças de mudança social que a atravessam (ENNE, 2014). Por outro lado, também é sabido ser parte da finalidade da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) a tessitura de estratégias retificadoras de opressões das mais diversas, dentre as quais as narrativas de legitimação do agronegócio (CHÃ, 2018).

Há, no entanto, de modo contra-hegemônico (KELLNER, 2001), possibilidades de apropriação dos meios digitais através da constituição de narrativas de si (GIDDENS, 2002), mediações do sentido das ações sociais (MARTIN-BARBERO, 2015) daqueles que comungam uma nova ciência e seu conjunto de práticas de cunho ético: a agroecologia.

Entendendo a comunicação enquanto a constituição do comum (SODRÉ, 2014) que se exerce através da prática dialógica que visa a construção da realidade social por sujeitos desejosos da plenitude de direitos (PERUZZO, 1998); a questão que anima a escritura deste texto parte de um tema gerador cuja forma é uma pergunta aparentemente simples: de quais modos poderiam os *podcasts* produzidos pela Juventude Agroecológica da Rede Carioca de Agricultura Urbana disputar a hegemonia através do exercício de mediação tecnológica da palavra falada?

Metodologia

O presente relato é tributário das metodologias de pesquisa-participante, sendo que, de nossa parte, vale frisar, o objetivo primeiro deste texto remete ao imperativo de que “(...) a própria investigação social deve estar integrada em trajetórias de organização popular” (BRANDÃO, 2006, p. 31) constituinte da dupla-natureza da pesquisa participante pois, ao mesmo tempo em que se produz uma ciência cidadã junto ao movimento social, essas frentes de atuação e pensamento se inspiram e colaboram mutuamente.

Nesse sentido, a realização de pequenos “programas de rádio” para consumo sob demanda (*podcasts*) tem sido utilizado enquanto método de investigação e reflexão sobre a realidade social por e para essas juventudes. Através dessas atividades práticas/técnicas, busca-se exercitar a ludicidade da comunicação popular que acontece nessas atividades agroecológicas desenvolvidas por toda a cidade.

Resultados e Discussão

Partindo do princípio de que “dizer a palavra” (BRANDÃO, 2012) é a atividade primeira da educação popular, e tendo em vista que contar sua própria história é a maneira de sedimentar e comunicar identidades – individuais ou coletivas – (GIDDENS, 2002), a Juventude Agroecológica da Rede Carioca de Agricultura



Urbana tem realizado uma série de *podcasts* (“programas de rádio” feitos para a internet).

“Ouça a voz das Juventudes!” é como são chamados esses conteúdos digitais que circulam pela cidade em caixas de som presentes em feiras agroecológicas, em correntes de *whatsapp*, em páginas de *Facebook* e numa plataforma que agrémia todos os “programas” já publicados¹. Tal proposta surgiu num encontro organizativo da Juventude Agroecológica, realizado na Zona Oeste da cidade, no começo do ano, a partir da demanda de se “comunicar mais” as atividades, muitas vezes invisibilizadas, tanto da agroecologia na cidade quanto das juventudes no geral.

Seja na primeira edição de uma feira agroecológica realizada no Centro do Rio de Janeiro, ou numa atividade que acontece numa Universidade, quem sabe durante a colheita dos caquis agroecológicos produzidos na Zona Oeste, ou ainda em fazeres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), a Juventude Agroecológica se desloca pela cidade, sempre com seus celulares em mãos.



FIGURA: Luciana Salles entrevistando Sumaya para o primeiro podcast.

Com essa rede de comunicadores munidos de pequenos microcomputadores (seus próprios *smartphones*) são sugeridas e encaminhadas as pautas, planejadas as atividades e feitas entrevistas que, posteriormente editadas, narram as aventuras de se fazer agroecologia na segunda maior cidade do país onde, talvez, nem todos saibam, ainda 3,4% de sua superfície se constitui de terra agrícola – afora a miríade de pequenos espaços que vão de quintais dos subúrbio às lajes das casas das favelas, numa diversa produção em pequenos espaços (SILVA, 2017).

¹ Disponíveis no link <https://soundcloud.com/juventudeagroecologica>



Com a participação de cinco jovens moradores de diversas partes da cidade, todos envolvidos na construção da Rede Carioca de Agricultura Urbana, tem se formado uma pequena e irreverente rede de comunicação popular que se apropria das novas tecnologias com indignação e esperança (CASTELLS, 2014) para gerarem novos vínculos sociais, divulgar suas atividades, exercitar a comunicação dialógica, apropriar-se dos meios técnicos, dar visibilidade à agroecologia na cidade e, se possível (pois desejável), aproximar outros jovens para os fazeres agroecológicos através da irreverência característica das juventudes.

Conclusões

A questão da viabilidade dos conteúdos midiáticos deve levar em consideração as culturas a partir das quais tanto o processo de fazer quanto os produtos a fruir se fundamentam, ou seja, se territorializam (HAESBAERT, 2011). Deste modo, as narrativas que versam com a agroecologia devem estar atentas não apenas aos meios nos quais se desenvolvem, mas também às mediações (MARTIN-BARBERO, 2015), isto é, ao substrato cultural e à transposição de sentido que as práticas agroecológicas pedem. Dizer e ouvir a voz das juventudes é, portanto, mais do que um exercício de comunicação popular, mas de valorização de nossa cultura e de exercício da cidadania.

Referências bibliográficas

ADORNO, T.; HORHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, RJ, 1985.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Letras e Ideias. Aparecida, SP, 2006.

_____. **O que é educação popular**. Brasiliense. São Paulo, SP, 2012

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

CHÃ, A.M. **Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia**. Expressão Popular. São Paulo, 2018.

ENNE, A.L.S. Conexões entre juventude, consumo e mídia: múltiplas formas de atuação e apropriação. In: **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares sobre pesquisa em educação, mídia e ciências**. EDUFF. Niterói, RJ, 2014.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, RJ, 2002.



HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade.** Revista Formadoras. Cachoeira, BA, 2014

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Editora UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** EDUSC. Bauru, SP, 2001.

PERUZZO, C.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Vozes. Petrópolis, RJ, 1998.

SILVA, U.C. **Rede Carioca de Agricultura Urbana: desafios e possibilidades na construção da agroecologia na cidade.** (Dissertação de Mestrado) UFPE. Recife, 2017.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Vozes. Petrópolis, RJ, 2014.